

## **PENSANDO A DESCOLONIALIDADE COM EGRESSOS DA LICENCIATURA EM MÚSICA DA UDESC<sup>1</sup>**

Lucas Passig Horstmann<sup>2</sup>, Vânia Beatriz Müller<sup>3</sup>, Yasmim Frufrek Marques<sup>4</sup>.

<sup>1</sup> Vinculado ao projeto “Pensamento descolonial na formação de educadoras/es musicais: uma pesquisa com egressos da Licenciatura em Música da UDESC”

<sup>2</sup> Acadêmico do Curso de Licenciatura em Música – CEART – Bolsista PROBIC

<sup>3</sup> Orientadora, Departamento de Música – CEART – vania.muller@udesc.br

<sup>4</sup> Acadêmica do Curso de Licenciatura em Música – CEART

Este projeto de pesquisa tem como objetivo, a partir da perspectiva do pensamento descolonial, analisar a prática docente, em específico, dos egressos do curso de Licenciatura em Música da UDESC, formados nos anos de 2014 à 2017, bem como analisar/avaliar a prática pedagógica na disciplina “Projetos em Educação Musical”, a partir da efetividade, ou não, da inferência de criticidade na formação de educadoras/es musicais egressas/os.

Inicialmente fizemos uma revisão bibliográfica, onde após a leitura e discussão de alguns livros, artigos, entre outros, foram separados até o momento quatro textos. Nessa revisão bibliográfica, nosso principal objetivo era a maior compreensão da metodologia que está sendo usada nesta pesquisa, compreender seus conceitos e definições, onde segundo Gil (2008) e Trivões (1987) essa metodologia (grupos focais) é muito usada em estudos exploratórios, onde, através de questionamentos básicos relacionados a teorias e hipóteses de interesse da pesquisa oferecem uma maior compreensão do problema e hipóteses que melhor se encaixem no contexto da pesquisa.

Em paralelo às leituras e discussões, foi realizado um levantamento de todos os estudantes que passaram pela disciplina Projetos em Educação Musical desde o ano de 2014 à 2017 (período de tempo selecionado para ser feita a pesquisa). A partir de tal reunião de dados, conseguimos informações como o contato dos possíveis participantes (a mais importante informação) e a atual profissão de alguns deles.

Após a coleta dos dados entramos em contato com os mais de noventa egressos através de uma mensagem por e-mail, a qual foi respondida por quatorze egressos, os quais aceitaram participar da pesquisa. Posteriormente utilizamos-nos das entrevistas semi-estruturadas para uma coleta de dados mais aprofundada e mais direcionada. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a Linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa.

Outros/as autores nos ajudaram com a metodologia usada, através de seus textos obtivemos um maior entendimento sobre como prosseguir com o uso da metodologia grupos focais. Gui (2003) e Guedes Gondim (2002) nos trazem alguns cuidados que devemos tomar ao usar tal metodologia, bem como uma possível forma de amenizar o problema em questão.

Como mencionado acima, utilizamos-nos das entrevistas semi-estruturada, a qual foi realizada através de um formulário do “Google” por questões de acessibilidade e tempo, onde nos deparamos com um problema, a pouca quantidade de respostas ao formulário (quatro respostas ao todo). Em reunião discutimos sobre a quantidade de respostas (abaixo da expectativa) e chegamos algumas possíveis soluções sendo uma delas a criação de outro formulário, contudo, este com perguntas menos diretas, outra possível solução seria enviar um “lembrete” aos/as

egressos/as pedindo para que respondam o formulário.

Nossas discussões acabaram nos levando à textos de duas/dois autores que certamente contribuem imensamente para esta pesquisa, a primeira delas é María Lugones que em seu artigo fala sobre a colonialidade do gênero e também sobre a colonialidade, como mostra trecho abaixo, onde podemos ver a colonialidade como algo intrínseco ao sistema de poder capitalista.

Uso o termo colonialidade seguindo a análise de Aníbal Quijano do sistema de poder capitalista do mundo em termos da “colonialidade do poder” e da modernidade – dois eixos inseparáveis no funcionamento desse sistema de poder. A análise de Quijano fornece-nos uma compreensão histórica da inseparabilidade da racialização e da exploração capitalista como constitutiva do sistema de poder capitalista que se ancorou na colonização das Américas. (LUGONES, 2014).

Luis Ricardo Silva Queiroz, autor de textos que fizeram parte em nossas discussões, nos explicita a colonialidade presente no âmbito da Educação Básica e da Educação Superior no Brasil. Tal colonialidade é marcada pela aparição de músicas de outras religiões, culturas ligadas ao termo “folclore” expõe ainda mais o contexto da colonialidade. Em suas palavras:

...a diversidade que há de músicas e de sujeitos que fazem os mundos musicais do Brasil, muitas vezes, quando aparecem no contexto escolar, vêm marcadas por estereótipos “folcloristas” presentes na sociedade brasileira, que congelam padrões estéticos em conhecimentos limitados de repertórios, exercícios de ritmos, experiências de motivos melódicos, entre outros aspectos. Nesse universo, há inclusive a incorporação, a diversas práticas musicais da cultura popular, de parâmetros sonoros que lhes são alheios, empobrecendo, mesmo estruturalmente, expressões da música que têm fundamentos expressivo-sonoros diferentes dos canonizados nas instituições. (QUEIROZ, 2017).

As respostas foram construtivas e me fizeram refletir, principalmente a de uma egressa, onde é mencionado uma resistência por parte das/os próprios/as educandas/os, não esperava que tal resistência viria por este lado, imaginava isso por parte ou da escola ou da família dos/as educandos/as, entretanto, essa resposta pode explicitar o enraizamento (e a força) do preconceito o qual passa por gerações.

**Palavras-chave:** Pensamento descolonial em Educação Musical; formação de educadoras/es musicais; egressos de Licenciatura em Música; PIBID Música.